

## Universidade oferece quatro novos cursos de graduação a partir de 2014

Arqueologia, Engenharia Sanitária e Ambiental, Relações Internacionais e Engenharia Mecânica (esta no *campus* regional de Resende) são as quatro novas graduações que a Universidade passa a oferecer em 2014. Apesar de existirem no Brasil 11 instituições de ensino superior com o curso de Arqueologia, nenhum era oferecido até agora no estado do Rio de Janeiro. Já o curso de Relações Internacionais obteve este ano a segunda maior relação candidato/vaga no Vestibular da UERJ, com uma média de 31,8 candidato para cada uma das 40 vagas disponíveis – atrás apenas de Medicina, que segue como o curso mais disputado da Universidade, com 84,9 candidatos por vaga.



> [Página 9](#)

## Governador sanciona Lei com novo Plano de Cargos e Carreira para técnico-administrativos

O governador Sergio Cabral sancionou a Lei nº 6701, que reestrutura o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração do quadro de pessoal dos servidores técnico-administrativos da UERJ. Para o Reitor Ricardo Vieiralves, a Reitoria cumpriu a sua missão inteiramente na reestruturação das carreiras da Universidade, depois da aprovação do plano de carreira docente em 2008 e da introdução do regime de Dedicção Exclusiva em 2013.

> [Página 3](#)

## Pesquisa do IESP sobre violência examina a relação entre comunidades e milícias

Nas favelas dominadas por milícias, 75% dos moradores querem permanecer na comunidade e 25% gostariam de mudar. Nas favelas em que não existem milícias, 62% dos moradores desejam continuar onde estão e 38% querem viver em outro lugar. Os dados constam da pesquisa “Prevenção à Violência numa perspectiva ecológica”, realizada pelo Núcleo de Pesquisa das Violências da UERJ, com participação da Fiocruz, apresentada em dezembro de 2013 no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade.

> [Página 6](#)

## Projeto da Psicologia desenvolve nova abordagem de escolha vocacional

O estudo Análise da Escolha Profissional (AEP) foi desenvolvido com o propósito de oferecer acompanhamento psicológico para jovens por meio de uma nova abordagem de escolha da sua profissão. O projeto começou em 2009 como estágio especializado junto à comunidade do entorno da Universidade. Por conta da repercussão, se expandiu e se tornou um projeto de extensão e de pesquisa do CNPq.

> [Página 13](#)

## CEADS 15 anos

Desde 1994 a UERJ é cessionária na Ilha Grande, por um período de 50 anos, das instalações e da área em torno do antigo presídio em Vila Dois Rios, a Colônia Penal Cândido Mendes.

> [Página 8](#)



## Excelência na avaliação da Capes

Dentre os 51 programas de pós-graduação da UERJ, 15 tiveram seus conceitos elevados; dois subiram para conceito 7; dois para conceito 6; oito para conceito 5 e três para conceito 4. Educação, Saúde Coletiva e Fisiopatologia Clínica e Experimental são programas nota 7.

> [Páginas 12 e 13](#)

## Direitos Fundamentais

Clínica de Direitos Fundamentais tem como missão fornecer os instrumentos teóricos e práticos essenciais para a promoção e a defesa desses direitos no Brasil.

> [Página 16](#)

## &gt; EDITORIAL

## Conquistas e desafios

Entre os destaques desta primeira edição do ano do *UERJ em Questão* estão os quatro novos cursos de graduação (Arqueologia, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia Mecânica e Relações Internacionais) que a Universidade passa a oferecer a partir de 2014. O curso de Relações Internacionais, por exemplo, já foi o segundo com maior procura no Vestibular. Também em destaque está a assinatura, pelo governador Sergio Cabral, da Lei nº 6701 – que reestrutura o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração do quadro de pessoal dos servidores técnico-administrativos da UERJ –, publicada no *Diário Oficial* do estado no dia 12 de março. O texto legal atende o disposto no Projeto de Lei 270/14 do Poder Executivo, que havia sido aprovado com emendas pela Assembleia Legislativa um mês antes, em 12 de fevereiro.

Nesta edição, os leitores também vão conhecer detalhes da criação, na UERJ, do primeiro Centro Integral de Saúde de Travestis e Mulheres e Homens Transsexuais da América Latina, uma parceria com o Conselho dos Direitos da População LGBT (CELGBT) e com o Programa Estadual Rio sem Homofobia. A previsão é que o Centro entre em funcionamento ainda no primeiro semestre de 2014.

Os 15 anos do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – CEADS/SR2 na Ilha Grande; os principais resultados da pesquisa “Prevenção à violência numa perspectiva ecológica”, realizada pelo Núcleo de Pesquisas das Violências da UERJ com participação da Fiocruz; a cobertura do 1º Prêmio Anísio Teixeira, concedido a professores como reconhecimento dos alunos; e o projeto do Instituto de Psicologia que desenvolveu uma nova abordagem para a escolha vocacional são outros temas destacados neste primeiro número de 2014.

Outros dois textos mostram a evolução das atividades de pós-graduação na Universidade: um deles confirma os bons números obtidos pela maioria dos cursos de pós-graduação na avaliação trienal da Capes (2010-2012) – agora a UERJ tem três cursos nota 7, que significa desempenho em nível internacional. O outro apresenta o aplicativo de acesso a emissoras de rádio comunitárias criado por um aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ): desde dezembro de 2013, quando o aplicativo RadCom ficou pronto, mais de 400 pessoas fizeram o seu *download* no Brasil e em países da América Latina, da Europa e da África. Nossos desejos de uma boa leitura e um ótimo início de 2014.

## Conferência mundial sobre economia e gestão de mídia acontece em maio na UERJ

A 11ª edição da Conferência Mundial de Economia e Gestão de Mídia, evento que acontece pela primeira vez no Brasil, vai reunir de 12 a 16 de maio pesquisadores de universidades e de centros de pesquisa e também representantes de organizações empresariais para compartilharem estudos em torno de assuntos contemporâneos que afetam a economia e a gestão da indústria de mídia.

O evento é organizado pela Universidade em parceria com a Faculdade de Comunicação Social, o Programa de Pós-graduação em Comunicação e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), com apoio da Diretoria de Comunicação Social (Comuns). As conferências anteriores foram realizadas em Estocolmo (Suécia), Zurique (Suíça), Londres (Reino Unido), Pamplona (Espanha), Turku (Finlândia), Montreal (Canadá), Lisboa (Portugal), Pequim (China), Bogotá (Colômbia) e Thessaloniki (Grécia), que sediou o evento em maio de 2012.

O tema central da Conferência em 2014 será “Indústrias de Mídia Contemporâneas: Questões Geográficas”. Segundo Sonia Virgínia Moreira, professora da Faculdade de Comunicação Social, coordenadora da comissão organizadora e integrante do comitê científico do evento, “Tratar desse tema, num momento como o atual – de convergência de plataformas e de abertura do setor audiovisual para outras formas de distribuição de conteúdo e quando se apresentam questões transversais da comunicação e da geografia, tais como os chamados territórios



RIO DE JANEIRO 12-16 MAY 2014

midiáticos – é uma chance ímpar para o Brasil no sentido de estimular o diálogo entre a academia e a indústria, tema importante principalmente se considerarmos a Lei 12.485, de 2011, que dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado.”

Com a nova Lei, as empresas de telecomunicações que operavam no Brasil apenas na área de telefonia (voz e dados) e de internet puderam ingressar no setor de distribuição de conteúdo de mídia. O texto legal abriu espaço para a oferta de serviços audiovisuais na TV por assinatura a fim de estimular a redução do preço final ao assinante, estabeleceu cotas para a veiculação obrigatória de programas com conteúdo brasileiro e a inclusão de canais nacionais nos pacotes oferecidos.

Simultaneamente, a internet deixou de operar ou ser considerada apenas como plataforma tecnológica e passou a desempenhar a função de novo ambiente/ nova indústria de mídia para a qual também convergem meios de comunicação tradicionais como jornais, revistas e emissoras de rádio e TV em suas respectivas versões *on-line*. A internet como plataforma que agrega tecnologia e conteúdo alterou o domínio da circulação da informação, de

dados, de entretenimento etc. As versões para a *web* da programação de rádio e de televisão aberta e por assinatura, de material de jornais e revistas, bem como os recursos de transmissão digital de voz e imagem e o tráfego de dados em banda larga via satélite ou fibra ótica, modificam a relação entre emissor e usuário, estabelecendo novos significados para conceitos como território e região.

A Conferência Mundial de Economia e Gestão de Mídia se dirige a alunos, professores, profissionais de empresas de comunicação nacionais e internacionais, pesquisadores de instituições de ensino superior, representantes de organizações de mídia, de centros de pesquisa e de programas de extensão nas áreas de comunicação, economia, administração e geografia. Para o Reitor Ricardo Vieiralves, a Conferência é um dos grandes eventos que acontecerão no Rio de Janeiro em 2014: “Nesse ano, receberemos dois presentes de grande relevância: a Conferência e a Copa do Mundo. No Rio de Janeiro serão debatidos grandes dilemas da vida social, do mundo contemporâneo, das estruturas das relações entre os seres humanos.”

Mais informações sobre a Conferência estão disponíveis no *site* <[www.uerj.br/mediaconference](http://www.uerj.br/mediaconference)>.



Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr., Lorena Forti, Mayana Garcia, Mirella Arruda e Ricardo Nicolay Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e [comuns@uerj.br](mailto:comuns@uerj.br)

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at [dafont.com](http://dafont.com). David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

# Lei nº 6701/2014 rege o novo Plano de Cargos e Carreira dos servidores técnico-administrativos da UERJ

O governador Sérgio Cabral sancionou no dia 11 de março de 2014 a Lei nº 6701, que reestrutura o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração do quadro de pessoal dos servidores técnico-administrativos da UERJ. Publicada na edição do *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro* do dia 12 de março, o texto legal atende o disposto no Projeto de Lei 270/14 do Poder Executivo, que havia sido aprovado com emendas pela Assembleia Legislativa um mês antes, em 12 de fevereiro.

Para o Reitor Ricardo Vieiralves, “Esta Reitoria cumpriu a sua missão inteiramente na reestruturação das carreiras da Universidade. Em 2008 aprovamos um plano de carreira docente que até então não existia em lei (os docentes desta Casa estavam desprotegidos em nível legal) e em 2013 introduzimos o regime de Dedicação Exclusiva que, proporcionalmente, é a maior DE paga no país. Agora estabelecemos o plano de carreira dos servidores técnico-administrativos,



um plano extremamente ousado, que era um compromisso meu e do Vice-reitor Paulo Roberto Volpato neste meu segundo mandato, e no qual trabalhamos incessantemente junto ao governo do estado”.

Os anexos da Lei 6701 tratam dos cargos e quantitativos do quadro de pessoal técnico-administrativo da UERJ; das

atribuições de cada cargo e respectivas categorias; das tabelas de vencimento por cargo, categoria e padrão; e do adicional de qualificação para técnico universitário (graduação) e para técnico universitário superior (especialização, mestrado e doutorado).

O Reitor Ricardo Vieiralves destaca que o novo Plano de Cargos e Carreira tem avanços importantes: “Uma das conquistas em relação às emendas aprovadas foi solucionar um problema grave relacionado à incorporação, na aposentadoria, dos adicionais de insalubridade e de periculosidade – para o qual conseguimos uma emenda na Lei. Também conseguimos incluir na Lei o que antes era um Ato interno do Reitor, que é o auxílio excepcional pago aos familiares que tenham filhos ou dependentes diretos com problemas de saúde agravados, porque sabemos o que isso significa em termos de custo e de apoio humanitário”.

A Lei de 2014, que tem oito Capítulos e 23 Artigos, revoga o texto legal anterior, de 2006.

## Delegações estrangeiras em visita ao *campus*



[10/mai/2013] O Ministro do Ensino Superior de Angola, Adão Gaspar do Nascimento, foi recebido pelo Reitor Ricardo Vieiralves na visita que reforçou a parceria para a criação de um centro angolano de pós-graduação e qualificação profissional.



[10/jul/2013] Reitor Ricardo Vieiralves assina carta de intenções entre a UERJ e a Universidad Autónoma de Tamaulipas, do México, representada pela Secretária Geral Olga Hernandez Limón e pelo Secretário de Finanças Enrique del Rio.



[2/ago/2013] O Embaixador da Índia, Ashok Tomar (à direita), participa de reunião com professores da UERJ que verificou a possibilidade de intercâmbio entre a Universidade e instituições indianas de ensino e pesquisa.



[11/set/2013] Acordo assinado pelo Embaixador Denis Pietton e pelo Reitor Ricardo Vieiralves cria programa de cátedras para pesquisadores de instituições francesas.



[26/nov/2013] O chefe da delegação do Instituto Politécnico de Milão, Giuliano Simonelli, comemora com o Reitor Ricardo Vieiralves a assinatura do protocolo de cooperação acadêmico-universitária entre as duas instituições.

## Parceria EdUERJ e FAPERJ consolida compromisso de divulgação científica

Setenta títulos em coedição, nas mais diversas áreas do conhecimento: este é o resultado da parceria de mais de 13 anos entre a Editora da UERJ e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, com base nas verbas recebidas por meio de editais do Programa de Auxílio à Editoração (APQ3). Criado em 1987 e reformulado em 2000, o edital APQ 3 “é ferramenta inquestionável para a difusão de pesquisas e estudos realizados no nosso estado – distribuídos em formato de livros, publicações periódicas temáticas, obras de referência (como dicionários, manuais, catálogos, guias), CDs (de áudio, de dados e híbridos), DVDs (de videodocumentários científicos ou educativos, de dados ou híbridos) e em outros suportes, como o antigo VHS e, mais recentemente, em e-books”, diz a professora Mônica Savedra, assessora científica da FAPERJ para a área de Humanidades.

Em associação com outros programas e editais da agência de fomento do estado, o edital APQ3 reforça o compromisso de sistematizar e divulgar a excelência da pesquisa fluminense, ao mesmo tempo em que fortalece a indústria e o mercado editorial do Rio de Janeiro. Segundo o professor Italo Moriconi, editor executivo da Editora da UERJ, “em todo o Brasil, o apoio das fundações de amparo à pesquisa é vital para o desenvolvimento das editoras universitárias, permitindo a produção de livros científicos com poucas chances de publicação no circuito editorial comercial”.

Desde a reestruturação do Programa em 2000 e até novembro de 2013, a FAPERJ concedeu 212 auxílios para editoração. Apenas em 2007, 103 obras receberam o apoio da Fundação – desse total, 65 foram selecionadas pelo Edital 13-2007, enquanto 38 obtiveram auxílio pelo sistema de balcão, aberto durante o primeiro semestre do ano. A soma de ambos permitiu que a FAPERJ estabelecesse um novo recorde. Além disso, a qualidade dos projetos inscritos faz com que a direção da Fundação aporte um aumento significativo na dotação dos recursos nesta modalidade. A professora Mônica explica que, “dos R\$ 500 mil previstos anteriormente, passou-se



para R\$ 980 mil. Outro ponto de destaque é a enorme variedade de temas, muitos deles pouco explorados anteriormente, como Filosofia, História Política Brasileira e estudos que envolvem questões temáticas da América Latina – pesquisas que, embora com apelo comercial relativo, representam relevante contribuição científica”. Mônica Savedra destaca o fato de as obras serem distribuídas para todas as bibliotecas públicas do estado do Rio de Janeiro e para algumas escolas públicas: “Dessa forma, com temas relacionados a todas as áreas do conhecimento, a FAPERJ pretende atingir também as mentes em formação, motivando-as inclusive a se direcionarem para a carreira científica”.

Desde a criação do edital APQ3 foram editados aproximadamente 1.100 livros e, deste total, 6,36% são títulos da EdUERJ. Lécio Augusto Ramos, da área de produção e editoração da FAPERJ, diz que esse número “é o maior entre as editoras universitárias”, considerando apenas os dados relativos ao APQ 3, já que a EdUERJ publicou alguns livros com recursos de outros programas e auxílios da agência de fomento. Até 2008 a parceria entre a EdUERJ e a FAPERJ era tímida, com a média de pouco mais de dois livros por ano. A partir de 2009 e até agora, a parceria ganhou fôlego tendo editado nesse período 53 títulos, “o que dá uma média de 10,6 livros por ano no período”, segundo Lécio Ramos.

A quantidade de livros editados pela EdUERJ com recursos do APQ 3 desde 2001 pode ser conferida no quadro abaixo.

### LIVROS EDUERJ COM APOIO FAPERJ

ANO	TÍTULOS PUBLICADOS
2001	1
2002	4
2003	1
2004	-
2005	3
2006	2
2007	2
2008	4
2009	10
2010	8
2011	5
2012	14
2013	16

Ao comentar a importância do edital APQ3 e de outros auxílios da FAPERJ para o desenvolvimento do trabalho da Editora, o professor Italo destaca: “Este apoio beneficia as publicações da EdUERJ em todas as áreas do conhecimento. Além do APQ3, também há os editais de infraestrutura, que beneficiaram duas vezes a EdUERJ – fomos selecionados em 2009 no edital de apoio à infraestrutura das universidades estaduais e em 2013 pelo edital de apoio às editoras universitárias, recebendo aproximadamente R\$ 150 mil de cada”. Além disso, a EdUERJ recebeu outros tipos de apoio da FAPERJ relacionados a projetos de professores e pesquisadores com

trabalhos específicos. “Vale ressaltar”, diz Italo, “que a participação da EdUERJ na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro é sempre fruto de uma parceria com FAPERJ”. Ao contribuir para a divulgação da ciência, tecnologia e inovação no Rio de Janeiro, o edital de apoio à editoração APQ3 também tem sido responsável pelo crescimento do mercado editorial no estado. De acordo com a professora Mônica, “mais de 140 editoras fluminenses tiveram sua produção ampliada com a publicação das obras financiadas pela FAPERJ. Nesse sentido, o apoio que o APQ3 está oferecendo às oito editoras sediadas em instituições de ensino e pesquisa do estado tem aumentado sua projeção como representantes significativas da crescente divulgação dos trabalhos acadêmicos para um público mais amplo. Neste ponto destaco a grande participação da EdUERJ”.

Entre os títulos coeditados, o professor Italo Moriconi destaca o volume *Rio Científico – Inovação e Memória* (2010) e a série de biografias *Faperj – Cientistas Fluminenses*. A série de biografias está em fase de finalização, devendo começar a ser publicada no início de 2014. Cada volume irá trazer a história de um cientista e os primeiros biografados serão Carlos Chagas, Carlos Chagas Filho, Nise da Silveira, Vital Brasil, Edgar Roquette-Pinto, César Lattes, José Leite Lopes, Johanna Döbereiner e Anísio Teixeira.

## Lançamentos EdUerj

### NEGOCIAR DIREITOS? LEGISLAÇÃO TRABALHISTA E REFORMA NEOLIBERAL NO GOVERNO FHC (1995-2002)

*Luiz Henrique Vogel*

O autor, que é aluno do curso de Doutorado em Ciência Política do IESP/UERJ e vencedor do Prêmio Capes de Tese de 2011 em Ciência Política e Relações Internacionais, oferece neste livro uma visão detalhada da grande movimentação no âmbito político

para mudar a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). O autor analisa a posição do Poder Executivo, dos conglomerados de mídia, das associações patronais e de segmentos do chamado “sindicalismo de resultados”, todos afinados no discurso que condicionava

o sucesso do Plano Real à redução do custo do trabalho, e também a posição de políticos, líderes sindicais e juizes na busca de outras saídas para o desemprego, que estava em alta na época.



### FIGURAÇÕES DAS PAIXÕES NAS LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

*Maria Conceição Monteiro*

Considerando que todo romance explora vários aspectos ligados à vivência do desejo, o foco dos ensaios reunidos neste livro é constituído por momentos intensos das tramas nos quais o erótico eclode numa forma

textual destacável do contexto narrativo chamado pela autora de cena. A cena constitui assim uma forma de o leitor se apropriar de sensações e efeitos de sentido que tornam inesquecíveis vários momentos da leitura. Entre

as obras analisadas pela autora, destacam-se os clássicos literários *Drácula*, de Bram Stoker e *O amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence, entre outros.



### ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS DIFERENCIADAS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

*Rosana Glat e Márcia Denise Pletsch (orgs.)*

Este livro reflete sobre aspectos teóricos e práticos no campo da educação inclusiva. Os capítulos abordam a utilização e a aplicabilidade do Plano Educacional Individualizado (PEI), instrumento empregado inicialmente em redes

escolares na Europa e nos Estados Unidos com a finalidade de promover o desenvolvimento e a ambientação de alunos que precisem de cuidados especiais. Entre os temas abordados estão as estratégias pedagógicas de inclusão (como

o ensino colaborativo e a aprendizagem mediada) e a atuação da escola como parceira no processo de integração ao mercado de trabalho do aluno com deficiência.



### CURRÍCULO, POLÍTICAS E AÇÃO DOCENTE

*Maria de Lourdes Ranges Tura e Maria Manuela Alves Garcia (orgs.)*

O livro discute as novas políticas curriculares e suas formas específicas (às vezes conflitantes) de abordar o trabalho escolar e docente, enfatizando ora o desempenho do aluno, ora a formação do professor ou a atividade

pedagógica. Os textos são assinados por pesquisadores de programas de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (UERJ) e versam sobre questões como diferenças culturais no processo educacional, educação inclusiva e educação para os direitos humanos.



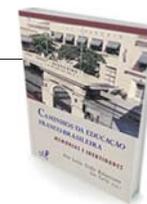
### CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FRANCO-BRASILEIRA: MEMÓRIAS E IDENTIDADES

*Ana Luiza Grillo Balassiano e Lia Faria (orgs.)*

Fruto de debates realizados durante o Ano da França no Brasil, em 2009, este livro trabalha com os seguintes eixos temáticos: as escolas republicanas e seus professores, as experiências dos liceus e as pesquisas autobiográficas na França e

no Brasil. Com artigos escritos por pesquisadores brasileiros e franceses, o livro é resultado de experiência de intercâmbio cultural que investiga modelos pedagógicos do passado e do presente. Cada ensaio aborda um aspecto específico

– como as representações femininas na escola republicana, a antiga prática da viagem pedagógica e a pesquisa biográfica no campo da escola e da aprendizagem.



### CIDADANIA, MOVIMENTOS SOCIAIS E RELIGIÃO: ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS

*João Marcus Figueiredo Assis e Denise dos Santos (org.)*

Este volume destaca a temática das identidades religiosas relacionando-as a diferentes classes sociais e às suas representações, às formas de organização e mobilização social na área rural e na cidade e às políticas públicas adotadas em

áreas como a segurança e a saúde. Os ensaios partem de pesquisas e fatos históricos que se mostram atuais ao considerarem aspectos como as tendências na relação do jovem com a religião; a tríade favela-pacificação-religião; a ideologia

político-religiosa nos movimentos sociais no Brasil; a atuação política da Igreja católica durante a ditadura e a criminalização do espiritismo na Primeira República.



### ESTUDOS SOBRE INTERAÇÃO: TEXTOS ESCOLHIDOS

*Maria Claudia Coelho (org.)*

Os mecanismos que regem as relações estabelecidas na vida social incluem tanto o ato contínuo de atribuição de significado às ações do outro como também a influência da cultura e de valores da sociedade. Ao considerar o

pensamento interacionista, esta antologia reúne autores clássicos como Georg Simmel, Herbert Blumer, Everett C. Hughes e Erving Goffman. A eles, somam-se teóricos contemporâneos como Arlie Russell Hochschild e Jack Katz. O

livro é indicado para aqueles que pesquisam sociologia, antropologia, linguística, teoria da comunicação, psicologia e disciplinas correlatas.



### PÉROLAS NEGRAS – PRIMEIROS FIOS: EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS NOS FLUXOS ENTRE ÁFRICA E BRASIL

*Roberto Conduru*

Esta obra trata das ideias e realizações da arte, da história da arte e da cultura vinculadas às questões da africanidade e da afro-brasilidade, com cortes espaciais e temporais heterogêneos que resultam em uma

abordagem de caráter multidisciplinar, com incursões na antropologia, na sociologia e em outras áreas do conhecimento humano. Em 42 ensaios tece reflexões sobre o legado africano para a sociedade brasileira

observando aspectos como a religião, o artesanato e as representações da arte africana nos museus, entre outros tópicos.



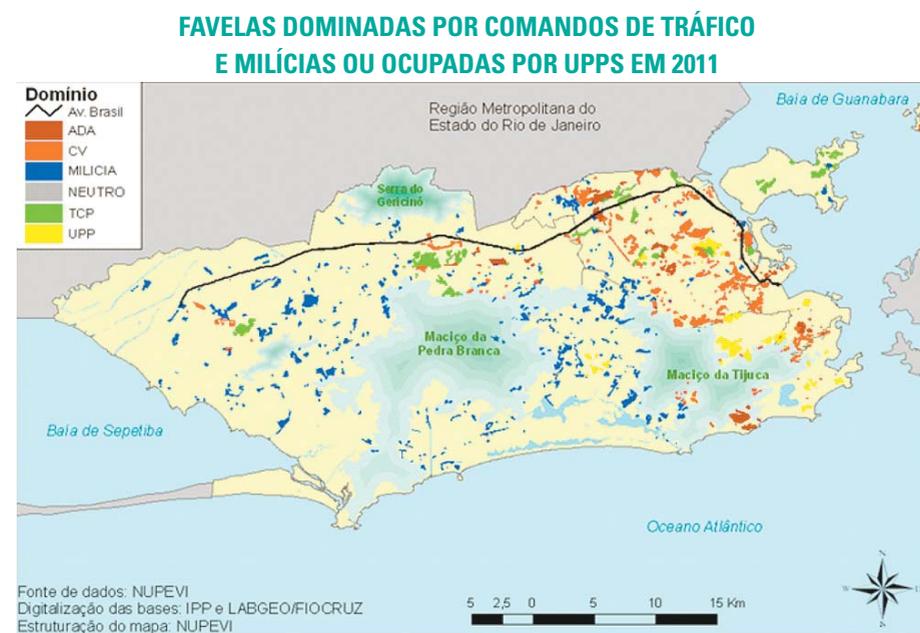
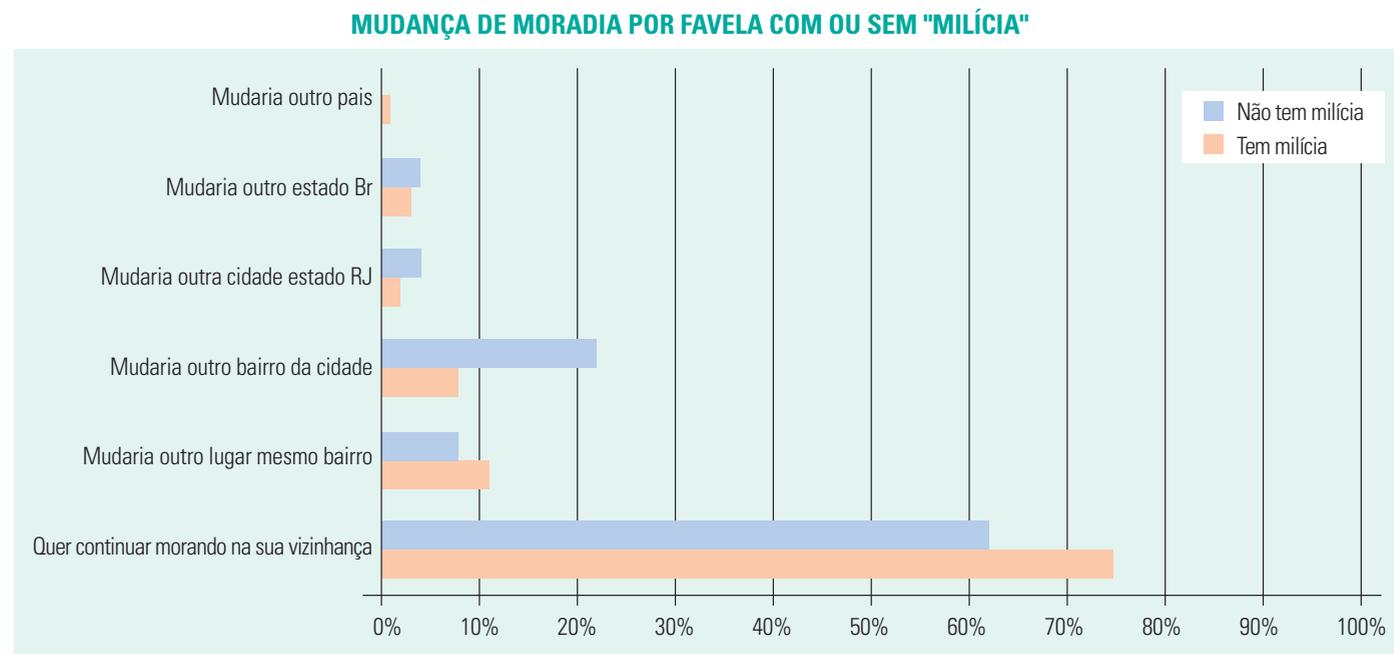
# Violência e milícia na cidade do Rio são temas de pesquisa na UERJ

Nas favelas dominadas por milícias, 75% dos moradores querem permanecer na comunidade e 25% gostariam de mudar. Nas favelas em que não existem milícias, 62% dos moradores desejam continuar onde estão e 38% querem viver em outro lugar. Esses dados constam da pesquisa “Prevenção à Violência numa perspectiva ecológica”, realizada pelo Núcleo de Pesquisa das Violências da UERJ, com participação da Fiocruz, que foi apresentada em dezembro de 2013 no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade.

A pesquisa, coordenada pela professora Alba Zaluar, teve como base os dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro e do Sistema Único de Saúde para mapear os homicídios na cidade e entender quais mecanismos levam aos conflitos armados. “Nosso objetivo era, além de georreferenciar, perceber as áreas de concentração onde ocorrem os homicídios e também entender a razão de sua ocorrência nas áreas mais pobres da cidade, auxiliando na promoção de um Rio de Janeiro melhor”, afirma a professora.

Foi feito um amplo trabalho de campo com pesquisadores que foram aos locais com maior concentração de homicídios (Complexo do Alemão, Ubatã, Vidigal e Rocinha) para saber dos moradores, dos líderes comunitários e dos policiais os principais problemas que estavam ocorrendo nas comunidades. Foram coletadas informações desde 2005, o que permitiu que se chegasse à constatação de que os homicídios se concentram nos locais próximos ao porto e ao aeroporto e onde existem favelas próximas umas das outras, dominadas por diferentes facções criminosas e milícias que lutam pela conquista dos territórios, como é o caso da região da Maré, do Acari e da Fazenda Botafogo. “É preciso investigar tanto o contexto social em que ocorre a violência quanto as disposições de quem a exerce e de quem sofre”, explica.

Alba Zaluar esclarece que as milícias têm assumido diferentes formações no decorrer da história. Inicialmente, eram tidas como um tipo de organização de segurança, passando com o tempo a assumir papéis mais amplos, que envolvem o controle das associações de moradores, da cobrança de taxas relativas a transações imobiliárias dentro das favelas, além de alzoques daqueles que não se enquadram às normas. Para



a professora Alba Zaluar, o termo milícia é equivocado, já que, na verdade, se trata de um grupo paramilitar que age à margem do Estado Democrático de Direito, que não respeita a Constituição Federal e, ainda, estabelece um verdadeiro negócio dentro

de localidades pobres. “Não satisfeitos em estabelecer este incrível comércio, as milícias passaram também a querer participar da política local na tentativa de adquirir proteção política para continuar suas atividades e se expandir na cidade”, explica.

A pesquisa constatou, ainda, que a cidade do Rio de Janeiro atualmente está dividida em áreas dominadas por milícias e áreas ocupadas pelas Unidades de Polícia Pacificadoras. “Não é apenas a ocupação da Polícia Militar que vai resolver o problema da segurança pública na cidade. Temos que pensar como resolver a questão das milícias em nossa cidade, agindo estrategicamente junto à população atingida”, completou.

A pesquisa mostrou que a confiança na Polícia Militar é menor nas áreas em que existem comunidades controladas por traficantes, locais onde quase não há policiamento. Entre os moradores do sexo masculino de 30 a 39 anos, 55% não confiam na Polícia; entre 20 e 29 anos, 50%; e entre 15 a 19 anos, 65% afirmaram não acreditar na Polícia. Entre as mulheres na faixa de 30 a 39 anos, 55,2% não acreditam na Polícia Militar; no grupo de 20 a 29 anos, a desconfiança sobe para 62,9% e para as entrevistadas entre 15 e 19 anos, o percentual de desconfiança chega a 65,4%.

Segundo a pesquisa, o trabalho de combate à violência deve ser feito a partir de uma visão ampla que englobe setores do Estado, como a Secretaria de Segurança Pública, e o Ministério Público. Isso porque as milícias violam as leis do país, fazem crescer os níveis de crimes violentos (especialmente aqueles produzidos por armas de fogo), oneram o sistema de saúde e dificultam a execução de políticas públicas importantes para a população, como a educação. “Não são apenas os moradores da favela que estão sofrendo com a violência, mas os ‘do asfalto’ também”, conclui a pesquisadora.

## UERJ trabalha na criação de centro de saúde para atender travestis e transexuais

Iniciativa da UERJ em parceria com o Conselho dos Direitos da População LGBT (CELGBT) e o Programa Estadual Rio sem Homofobia vai criar o primeiro Centro Integral de Saúde de Travestis e Mulheres e Homens Transexuais da América Latina. O Centro terá a função de auxiliar na melhoria da qualidade de vida e nas questões que envolvem todo o processo transexualizador. A ideia surgiu em encontro realizado em agosto de 2013, quando foi discutida a dificuldade que travestis e transexuais enfrentam para ter acesso aos serviços básicos de saúde. No encontro estavam presentes o Reitor Ricardo Vieiralves, membros do CELGBT e ativistas que discutiram também a situação do Centro de Referência do Processo Transexualizador do Hospital Universitário, que realiza cirurgias de transgenitalização pelo SUS. O HUPE é um dos quatro hospitais do país que faz esse tipo de cirurgia, mas não consegue atender à grande demanda de homens e mulheres transexuais.

Para viabilizar a criação do Centro, o Reitor assinou a Portaria nº 447 (publicada em 11 de novembro de 2013 no Diário Oficial do Estado), instituindo um grupo de trabalho que será responsável pela elaboração das diretrizes do projeto e do desenho do prédio onde o Centro estará abrigado até a formação das equipes técnicas. O trabalho da equipe vai resultar em um relatório com recomendações técnicas. “Estamos dispostos a fazer o investimento necessário para que esta Universidade se torne um centro de referência e ensine a América Latina a cuidar de gente”, disse o Reitor Ricardo Vieiralves. Fazem parte do grupo de trabalho o Reitor, o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato, o coordenador do Rio Sem Homofobia, Cláudio Nascimento, representantes do Laboratório de Diversidade Sexual, Políticas e Direitos (Lidis/UERJ), profissionais do Serviço Social e Processo Transexualizador do Hupe, membros do CELGBT, ativistas travestis e transexuais e pesquisadores da área de saúde.

O grupo de trabalho foi designado em cerimônia realizada na UERJ em novembro, ocasião em que preocupações com a necessidade de atenção integral de saúde para travestis e transexuais foram discutidas. Há muitas questões relacionadas à



saúde, explicou o Reitor, que estão relacionadas às necessidades específicas para a população LGBT e especialmente para travestis e transexuais, como o acompanhamento clínico, a decisão de realizar ou não a cirurgia e a terapia hormonal. O processo transexualizador sem orientação pode ocasionar problemas associados a terapias hormonais e utilização de produtos inadequados, podendo inclusive provocar doenças. Além disso, existe a preocupação com a questão social, como a inserção no mercado de trabalho, porque muitos são levados à prostituição, destacou o Reitor: “É preciso mudar isso, é necessário ajudar na inserção cidadã”.

Uma das alternativas sugeridas pelo Reitor foi a elaboração de estratégias

conjuntas de formação, qualificação e apoio, destacando o trabalho que já é realizado pelo Laboratório de Diversidade Sexual, Políticas e Direitos: “Temos um programa educacional e de inclusão para a população LGBT. A inserção plena de cidadania não é simples. Não há como pensar em cidadania sem trabalho e vida social. Podemos pensar em alternativas novas, como incubadoras sociais. Há muito talento e capacidade de trabalho”. O ativista Cláudio Nascimento também destacou a importância do desenvolvimento do Centro em conjunto com outras políticas: “A meta é que com esta iniciativa consigamos atender às demandas dos travestis e transexuais do nosso estado, que lutam diariamente por um atendimento

adequado nos serviços públicos de saúde. Vamos trabalhar para integrar as diversas áreas da saúde e incluir as perspectivas de cidadania para essa população. O Centro tem como objetivo integrar várias áreas do conhecimento e de saúde para fazer algo o mais qualificado possível”.

Esta é a primeira ação de uma instituição de ensino no país a sediar um grupo de trabalho voltado para a criação de um centro dedicado a travestis e transexuais. “É necessário trazer para o espaço da formação universitária as questões relacionadas à temática LGBT, importantes para a construção da cidadania. Não há possibilidade de cidadania plena se houver discriminação. A UERJ deve atuar em favor dos direitos dessa população, enquanto formadora de uma elite intelectual”, enfatizou o Reitor.

Dados do Centro de Referência de Promoção da Cidadania apontam que cerca de 20% das demandas que chegam aos Centros de Cidadania LGBT envolvem o processo transexualizador – como mudança de nome, situações de violência e acesso à atenção básica em saúde. Nos relatos de travestis e transexuais a saúde é tema central e está relacionada à adequação sexual e corpórea, que são parte do processo. As demandas são seguidas de outras, entre as quais inserção no mercado de trabalho, retificação do nome e utilização do nome social e reconhecimento da identidade de gênero. Cláudio Nascimento lembrou que ao discursar em 2010 na abertura da sede do Rio sem Homofobia se apropriou de uma frase de Che Guevara, para dizer: “Quando conseguirmos transformar o extraordinário em corriqueiro teremos feito a revolução. E nesse momento estamos fazendo o extraordinário visando a revolução que só estará visível quando o acesso à saúde integral por travestis e transexuais não gerar angústia, discriminação, conflitos e preconceitos. A vulnerabilidade específica dessa população faz com que estejam inseridos no contexto total de carência de políticas públicas afirmativas e inclusivas”. Para o Reitor, a responsabilidade da UERJ como formadora intelectual, com políticas adequadas e de respeito, está em modificar a postura dos profissionais que são formados pela Instituição. A previsão é de que o Centro comece a funcionar ainda neste primeiro semestre de 2014.

## Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável completa 15 anos apresentando pesquisas e debatendo assuntos que afetam a comunidade local

Em 1994 a UERJ passou a ser cessionária na Ilha Grande, por um período de 50 anos, das instalações e da área em torno do antigo presídio em Vila Dois Rios, a Colônia Penal Cândido Mendes. O termo de cessão previa a instalação de um centro de estudos e de um museu para preservar o ecossistema local – o que levou à criação do CEADS em 1998. Em 15 anos de atividades foram desenvolvidos no Centro mais de 100 projetos, estando ativos hoje 38 projetos de pesquisa e oito de extensão. Em novembro, o Encontro Científico do CEADS: 15 anos de contribuição à preservação ambiental e sustentabilidade da Ilha Grande discutiu questões do cotidiano da Ilha e apresentou as pesquisas realizadas nesse período.

Um dos pontos abordados foi a invasão de espécies bioinvasoras, exóticas ou oportunistas, como são chamadas aquelas que se proliferaram na costa fluminense. Na baía da Ilha existem plataformas de petróleo e gás e há movimento de navios transportando cargas, embarcações trazem água de lastro (água do mar captada pelo navio para garantir a segurança operacional e sua estabilidade). Essa água de lastro, se é recolhida em outros pontos do mar, pode disseminar espécies oportunistas onde é descarregada, explica o diretor do Centro, professor Marcos Bastos. Na década de 1980, o Coral-Sol, espécie exótica, chegou à baía de Ilha Grande e é objeto de estudo de um projeto desenvolvido no CEADS e batizado de Coral-Sol. A bioinvasão pode afetar os recifes de coral, que no Brasil são mais vulneráveis, provocar perda da biodiversidade e de recursos pesqueiros, causando impactos sociais e ambientais na região.

A procuradora Monique Checker, do Ministério Público, também foi convidada para o Encontro, já que em janeiro de 2013 o MP abriu inquérito para apurar o impacto ambiental provocado pelo Coral-Sol na região. O biólogo Leandro Travassos, do Parque Estadual da Ilha Grande, administrado pelo do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), participou da mesa redonda “Bioinvasão na Baía da Ilha Grande e adjacências: situação atual e ações mitigatórias e de erradicação”. Além disso, assuntos que afetam a comunidade local também foram debatidos – como a quantidade de pessoas que a área pode receber sem que fique degradada e instalação de saneamento básico, entre outros pontos.

Localizado em uma unidade de conservação, o CEADS é responsável por ações de preservação e de desenvolvimento sustentável local: “A presença física e institucional da Universidade na Ilha já inibiu várias iniciativas que podem afetar o seu ecossistema, principalmente aquelas relacionadas à especulação imobiliária”, comenta o professor Marcos Bastos. A Ilha Grande é unidade de conservação direcionada para o desenvolvimento sustentável, de acordo com a Lei 9.985/2000, que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Instalado dentro do Parque Estadual da Ilha Grande, o CEADS também foi um das responsáveis pelos estudos que subsidiaram segue o plano de manejo exigido pela legislação ambiental.

Na vila de Dois Rios, o Centro administra as pesquisas e o Ecomuseu, faz a manutenção da estrada que liga Abraão a

Dois Rios, do posto de saúde e monitora a qualidade de vida local. “Foi inevitável fazermos a manutenção da estrada. Antes, com o presídio em funcionamento, os próprios presos trabalhavam na manutenção e buscavam matéria-prima em uma área de brita. Com a Ilha Grande classificada como unidade de conservação, estão proibidas a retirada dessa matéria-prima. Agora usamos escombros do presídio e por conta disso tivemos que comprar um trator”, conta Marcos Bastos. Hoje o trator faz parte de uma frota de 11 veículos. Na administração do Centro estão envolvidos mais de 40 funcionários, que cuidam da infraestrutura do transporte, do alojamento e das refeições (café, almoço e jantar). As instalações com capacidade para receber grupos de 50 a 60 pessoas incluem auditórios e laboratórios úmidos e secos. O orçamento anual do *campus* em Ilha Grande é de aproximadamente R\$ 1 milhão, em recursos da própria Universidade, das agências de fomento FAPERJ e FINEP e de parcerias e convênios com empresas como a Transpetro, a Eletronuclear e a Petrobras.

Criado como uma base de pesquisa da Universidade, ao longo dos anos, além das atividades de pós-graduação também foram desenvolvidas ali experiências com a graduação, como as disciplinas de campo, e hoje o *campus* agrega atividades de graduação, pós-graduação e extensão. “O diferencial do CEADS está nas pesquisas e projetos integrados, que fizeram da

unidade de conservação Parque Estadual da Ilha Grande a maior em termos de conhecimento dos recursos sociais, históricos e biológicos. E ainda temos o ensino contextualizado, no qual tiramos o aluno de dentro da sala de aula e o colocamos em vivências reais”, destaca a coordenadora científica do CEADS, professora Cátia Henrique Callado. Um dos projetos é o do Ecomuseu, que trabalha com a cultura local e na transferência de informação.

O CEADS e a Faculdade de Oceanografia são responsáveis pela primeira embarcação de pesquisa de uma universidade localizada no estado, que estará em construção a partir deste ano, com previsão de entrega no primeiro semestre de 2015. O barco vai custar cerca de R\$ 7 milhões, pagos com recursos da UERJ, da FAPERJ e da FINEP. A embarcação de dois motores foi projetada para abrigar laboratórios e será climatizada. O barco vai auxiliar pesquisas na área de monitoramento ambiental do litoral, como em fazendas marinhas. O desenho da embarcação prevê um gabinete odontológico montado em um contêiner. A ideia é levar a expertise da UERJ para atender demandas de vilas ribeirinhas enquanto as pesquisas são realizadas no litoral.



## Arqueologia é uma das quatro novas graduações oferecidas na UERJ a partir de 2014

O curso de bacharelado em Arqueologia completa o quadro das novas graduações que a Universidade passa a oferecer em 2014, juntamente com os cursos de Engenharia Sanitária e Ambiental, Relações Internacionais e Engenharia Mecânica (este na Faculdade de Tecnologia, *campus* regional de Resende). Proposto pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em conjunto com a Faculdade de Geologia, 30 vagas foram oferecidas para Arqueologia no Vestibular 2014, com o início das aulas no primeiro semestre. Na década de 1970 o Rio de Janeiro se tornou o primeiro estado brasileiro a formar arqueólogos pela Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon, uma instituição privada. Em 1990 o curso foi fechado e só voltou a ser oferecido no país em 2005 na Universidade Federal do Vale do São Francisco. Hoje existem 11 instituições de ensino superior com graduação na área, mas nenhuma está localizada no estado do Rio. Assim, a UERJ é pioneira no estado ao oferecer o bacharelado em Arqueologia.

No seu primeiro vestibular, a graduação em Arqueologia – uma iniciativa dos professores Paulo Roberto Seda, Maria Antonieta Rodrigues e Nanci Vieira Aguiar – teve procura de cerca de 150 candidatos, uma média de cinco candidatos por vaga. O número de interessados no curso mostra a tendência de maior procura por essa área no Brasil. Segundo a professora Nanci, atualmente existe demanda expressiva, especialmente no Rio de Janeiro, por profissionais de Arqueologia “devido à Portaria nº 230 do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que incluiu o trabalho de arqueólogos como obrigatória em cada etapa de uma grande obra”. A norma de 2002 do Iphan obriga toda construção de grande porte

com movimentação no solo a apresentar estudos prévios de arqueologia e também o monitoramento desse trabalho por um arqueólogo.

Com o maior ritmo de obras no país e no estado, a procura por esse profissional aumentou. A graduação da UERJ, porém, vai além da formação de arqueólogos para suprir a demanda de mercado existente atualmente: “O curso pensa em formar pesquisadores de qualidade que possam atender às diversas situações – sejam obras privadas, trabalhos com patrimônio ou para a academia”, diz o professor Paulo Seda, que também conta que a proposta de criação foi gerada depois que os três professores responsáveis pelo projeto participaram em 2009 de uma reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia/Regional Sudeste, que abordou a falta de graduação específica no estado do Rio de Janeiro. Depois da reunião na SAB-Sudeste, os três professores promoveram o curso de Arqueologia junto com a Sub-reitoria de Graduação. Apesar de a ideia ter sido apresentada em 2009, a comissão para concretizá-la (formada pelos três professores) foi formada em 2012. No mesmo ano, a graduação em Arqueologia foi aprovada pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. O caráter multidisciplinar do curso é um destaque: sete unidades estão envolvidas na construção da grade disciplinar – Faculdade de Direito, IBRAG, Instituto de Matemática e Estatísticas, Faculdade de Geologia, Instituto de Geografia, Faculdade de História e Faculdade de Ciências Sociais. Todas vão oferecer disciplinas aos alunos da graduação em Arqueologia.

Dentre as possíveis atividades para os estudantes do novo curso, a Sub-reitora de Graduação, professora Lená Medeiros, destaca os convênios com o Centro de Estudos

da População, Economia e Sociedade, de Portugal, e também com a Fundação Restoring Ancient Stabie, da Itália, via projetos desenvolvidos pela SR-3. De acordo com a Sub-reitora, os convênios vão facilitar a realização de intercâmbio de alunos e professores, além do contato com pesquisas em Arqueologia desenvolvidas na Itália, que são referência no mundo.

### Relações Internacionais é o segundo curso de maior procura

Recém-oferecido pela Universidade, o curso de Relações Internacionais obteve a segunda maior relação candidato/vaga no Vestibular 2014 da UERJ. O bacharelado em RI foi a opção de 1.273 candidatos, o que representa uma média de 31,8 candidato para cada uma das 40 vagas disponíveis. A graduação ficou atrás apenas de Medicina, que segue como o curso mais disputado da UERJ, com uma relação de 84,9 candidatos por vaga.

Para o professor Williams Gonçalves, chefe do Departamento de Relações Internacionais, a grande procura pelo curso diz respeito a uma tendência nacional: “Em todo o Brasil, o curso é o mais procurado na área de Ciências Sociais. O da UERJ, apesar de recente, se inscreve em uma tradição de internacionalização da Universidade que já se desenvolve há mais de 20 anos”. A trajetória de estudos no âmbito das relações internacionais começou na Universidade em 1986, com a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros e Internacionais (ISEBI). Em 1993, o Departamento de História passou a oferecer a pós-graduação *lato sensu* em História das Relações Internacionais, em 1995 a área passou a ser oferecida como uma das linhas da pós-graduação *stricto sensu* em História e, em 2008, foi criado o Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais (PPGRI).

## Bolsista PROATEC-UERJ participa de estudo que descreve fóssil de réptil de linhagem da época dos dinossauros

Os paleontólogos André Piacentini Pinheiro, bolsista do Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (PROATEC) na UERJ, Alexandre Kellner, pesquisador do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Diógenes de Almeida Campos, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), descreveram o mais antigo fóssil de réptil encontrado no estado.

André Piacentini Pinheiro trabalha sob a supervisão da professora Maria Antonieta Rodrigues como responsável técnico e paleoartista, ou seja, cuidando e fazendo a representação gráfica balizada em padrões científicos de elementos paleontológicos, na exposição permanente de fósseis abrigada no Laboratório de Estratigrafia e Paleontologia da Faculdade de Geologia.

O fóssil descrito, batizado de *Sahitisuchus fluminensis* – originário dos idiomas xavante e latim, significa “crocodilo guerreiro do Rio de Janeiro” –, representa uma linhagem que sobreviveu à grande extinção ocorrida há cerca de 65

milhões de anos, no final do Cretáceo (o mais recente período da Era Mesozóica, quando aconteceu a extinção dos dinossauros, com exceção das aves).

A peça foi encontrada em Itaboraí, município fluminense, onde a Companhia Nacional de Cimento Portland Mauá explorou uma mina de calcário entre 1933 e 1984. “A lavra do minério”, explica André Pinheiro, “era sempre acompanhada de perto pela equipe de paleontólogos do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) liderada por Llewellyn

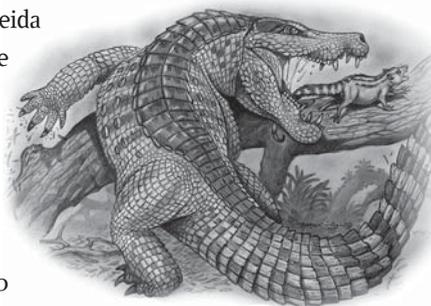
Ivor Price (1905-1980), grande especialista brasileiro em vertebrados fósseis. A maior parte dos fósseis encontrados foi abrigada no Museu de Ciências da Terra do CPRM, e uma pequena parte, no Museu Nacional da UFRJ.”

A maioria dos milhares de exemplares encontrados é constituída de ossos e dentes isolados de mamíferos. Boa parte desse material já foi estudada e contribui, segundo Pinheiro, para uma melhor compreensão da diversificação

dessa classe de vertebrados na América do Sul. Os fósseis de répteis, porém, foram encontrados em menor número e pouco estudados. No caso do *Sahitisuchus fluminensis* foi possível trabalhar com um crânio articulado, ou seja, com mandíbula, e algumas vértebras do pescoço.

O estudo revelou que o réptil possuía por volta de 70 centímetros de altura e dois metros e meio de comprimento, crânio bastante alto, cerca de 16 dentes com bordos serrilhados, usados na dilaceração de presas, e que vivia provavelmente em pequenos grupos, com hábitos essencialmente terrestres. Destaque da pesquisa é a convivência de espécies répteis mais primitivas, como a *Sahitisuchus fluminensis*, com espécies mais modernas, como a *Eocaiman itaboraiensis*, ancestral dos atuais jacarés, encontrada anteriormente no local.

A pesquisa para descrever o “crocodilo guerreiro do Rio de Janeiro” durou cerca de dois anos e foi divulgada em janeiro pela revista científica eletrônica PLOS ONE, publicada pela *Public Library of Science*. O fóssil pode ser visto no Museu de Ciências da Terra, que fica na Avenida Pasteur, 404, no bairro da Urca.



MAURILIO OLIVEIRA

# Curso de especialização da UnASUS-UERJ tem 500 alunos inscritos

O número de 500 alunos inscritos em 2014 para o curso de especialização da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UnASUS-UERJ) surpreendeu os coordenadores ao superar a marca das turmas anteriores – 300 alunos em 2012 e em 2013. Segundo a coordenadora executiva do curso, professora Márcia Rendeiro, como o compromisso inicial firmado pela UERJ era capacitar um total de 1.000 alunos no período de três anos, a organização previa a inscrição de até 400 profissionais para a turma deste ano. A Secretaria de Estado de Saúde (SES) e o Conselho de Secretarias Municipais de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (COSEMS-RJ), porém, encaminharam à Universidade um documento relatando o aumento expressivo na demanda dos profissionais da rede estadual de saúde por qualificação e assim 100 alunos foram incluídos no curso.

Ao cumprimentar os alunos presentes, o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato falou sobre o papel dos estudantes no curso: “Vocês serão construtores conjuntos desta especialização. Política de saúde é sempre uma obra inacabada – e nós precisamos de vocês, que atuam na ponta do processo, para alimentarem esse curso. A experiência de cada um será fundamental para dar aos trabalhos de conclusão de curso a concretude necessária para uma boa proposta de intervenção junto aos gestores de saúde”.

Daniel Ricardo Soranz, subsecretário de Atenção Primária, Vigilância e Promoção de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, proferiu a aula inaugural no dia 14 de fevereiro, quando teve início o período letivo da terceira turma de especialização em Saúde da Família. Coordenado pelo Vice-reitor, o curso é fruto da parceria entre a UERJ e a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde. O tema da aula inaugural foi “O papel da atenção primária à saúde na organização dos sistemas de saúde: avanços e desafios na implementação da estratégia Saúde da Família no município do Rio de Janeiro”. Na sua exposição, Soranz apresentou, em perspectiva histórica, a evolução da Atenção Primária à Saúde (APS) na cidade que tem, segundo os dados que apresentou, o maior gasto *per capita* em saúde do país desde a criação do SUS na Constituição Federal de 1988.

## DISCIPLINAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA (480 HORAS – 32 CRÉDITOS)

OBRIGATÓRIAS	OBRIGATÓRIAS TRANSVERSAIS	ELETIVAS
Atenção Primária à Saúde e da Estratégia de Saúde da Família no contexto da organização dos sistemas de saúde e no SUS	Metodologia Científica	Introdução à Terapia Comunitária
A clínica da Atenção Primária I – Abordagem Centrada na Pessoa, Abordagem Familiar e Assistência Domiciliar	Ética e Bioética	Abordagem Familiar
A clínica da Atenção Primária II – Abordagem Comunitária -Avaliando a qualidade dos serviços e práticas na Estratégia de Saúde da Família	Emergências Médicas	Noções Básicas em Saúde do Trabalhador
Eixos centrais do processo de trabalho em atenção primária à saúde		Supervisão em Saúde da Família
A clínica da Atenção Primária III – Ações de Saúde no ciclo de vida		Novos Paradigmas em Saúde
A Clínica da Atenção Primária IV- Abordando aspectos de Gênero, risco e vulnerabilidade		

O curso é constituído por disciplinas obrigatórias (conteúdo geral e específico), obrigatórias transversais, disciplinas eletivas, encontros presenciais e elaboração de trabalho de conclusão de curso, totalizando 480 horas e 32 créditos.



ANDRÉ BITTENCOURT



O subsecretário de Atenção Primária, Vigilância e Promoção de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, Daniel Ricardo Soranz, na aula inaugural do curso



A UnASUS é um programa desenvolvido pelo Ministério da Saúde por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), voltado à criação de condições para o funcionamento de uma rede colaborativa de instituições

acadêmicas e serviços de saúde e gestão, com o propósito de atender necessidades de formação e educação permanente do SUS. Criado em 2008, o programa usa as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o desenvolvimento e a

implementação de tecnologias educacionais em saúde e para dar acesso a oportunidades de aprendizagem (presenciais e a distância) aos trabalhadores do SUS.

Desenvolvido conjuntamente pelas faculdades de Ciências Médicas, Enfermagem e Odontologia da UERJ, com apoio do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde do Estado do Rio de Janeiro e da Secretaria de Estado de Saúde, o curso de especialização é semipresencial e oferece conteúdos baseados em situações e casos reais vivenciados por profissionais das equipes de Saúde da Família (equipes multiprofissionais compostas por médico, enfermeiro, auxiliar ou técnico de enfermagem, podendo incluir também cirurgião-dentista, auxiliar e/ou técnico em saúde bucal, por exemplo, dependendo da realidade epidemiológica, institucional e das necessidades de saúde da população local).

Além do Vice-reitor, do subsecretário de Atenção Primária, Vigilância e Promoção de Saúde, e da coordenadora executiva da UnASUS-UERJ, participaram da mesa de abertura da cerimônia o diretor do Centro Biomédico, professor Mário Sergio Carneiro; o vice-diretor da Faculdade de Ciências Médicas, professor Marcos Junqueira; a diretora da Faculdade de Enfermagem, professora Helena Maria David; a diretora da Faculdade de Odontologia, professora Maria Isabel de Castro Souza; a coordenadora da área de Medicina, professora Maria Inez Anderson; a coordenadora da área de Enfermagem representando a direção da Faculdade de Enfermagem, professora Thereza Christina Varella; a coordenadora da área de Odontologia, professora Renata Jorge, e a coordenadora pedagógica do curso, professora Márcia Taborda.

## UTI Pediátrica é mais nova área inaugurada no Hospital Universitário

No momento em que espaços similares na rede pública local são fechados – caso da UTI Pediátrica do Hospital Souza Aguiar, que suspendeu suas atividades no dia 14 de fevereiro deste ano – o Hospital Universitário Pedro Ernesto está recebendo sua UTI Pediátrica, inaugurada em 20 de fevereiro com a presença do professor que dá nome à Unidade: Ruy de Souza Rocha, titular em Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas, já aposentado.

O setor foi construído em dois anos e tem capacidade para seis leitos (o dobro dos leitos normais em uma emergência pediátrica), cada um instalado em boxes de nove metros quadrados, com cama reclinável e espaço para acompanhante. A nova UTI pode atender pacientes na faixa etária que se estende do lactente (os primeiros 28 dias de vida) aos 16 anos.

Raquel Zeitel, chefe da nova UTI, diz que a Unidade ajuda a reduzir tanto a carência de leitos como de profissionais preparados para esse tipo de assistência no estado do Rio de Janeiro. Instalada no Hospital



Prof. Ruy de Souza Rocha, que dá nome à nova UTI Pediátrica, acompanhada da Dra. Raquel Zeitel

PAULO CARVALHO

Universitário vai favorecer o desenvolvimento das especialidades médicas que necessitam da retaguarda oferecida por esse tipo de estrutura hospitalar para a execução de procedimentos de alta complexidade, como no caso de cirurgias cardíacas. “A UTI Pediátrica contribui, inclusive, para a formação dos residentes em Terapia Intensiva, cuja primeira turma começa agora em 2014”, informa a chefe da Unidade.

O Reitor Ricardo Veiralves considerou estratégica a decisão da Universidade

assumir a obra: “Estruturar o setor da pediatria, especialidade da Medicina com grande déficit de profissionais, vai estimular a procura pela carreira, a formação de novos pediatras, e certamente desenvolverá a própria especialidade, ao permitir o registro de novos casos, que suscitarão novas investigações e análises. As duas situações são extremamente benéficas em se tratando de um Hospital que além de atender o público contribui na formação de profissionais da saúde.” O investimento na construção da UTI foi condicionado a uma exigência do Reitor válida para os projetos de construção de ambientes hospitalares da Universidade: que tenham sempre anexado um ambiente de estudos.

Segundo a Superintendência de Recursos Humanos (SRH) foram realizados dois concursos específicos para a Pediatria do HUPE: em 2010, foram chamados 38 pediatras intensivistas e em 2011 oito cirurgiões pediatras (três podem ser chamados até 2015). Outros concursos para o setor de Pediatria deverão ocorrer ainda em 2014.

## Língua Brasileira de Sinais é incluída no currículo do curso de Geografia

Reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passará a ser oferecida como disciplina obrigatória no curso de Licenciatura em Geografia da UERJ. A inclusão foi aprovada na primeira sessão ordinária do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CESEP) realizada em 4 de fevereiro.

Além de informações sobre a língua, a nova disciplina vai permitir que os licenciandos em Geografia recebam informações sobre como lidar e se comunicar nas escolas com o aluno que tenha deficiência auditiva. O professor Ricardo Joseh Lima, chefe do Departamento de Linguística do Instituto de Letras, enfatiza que a Língua Brasileira de Sinais é como qualquer outra língua – com vocabulário, gramática e estruturas próprias: “É importante que o futuro professor, ao se deparar com um aluno surdo, conheça pelo menos o básico do vocabulário e estruturas gramaticais. Se as pessoas compreenderem que a forma de comunicação do surdo é tão eficiente e complexa quanto a nossa, já será um grande benefício”.

A inclusão da disciplina é exigência legal, estabelecida pela Lei 10.436 que, em seu artigo 4º, prevê que o sistema federal de educação e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir o ensino da Língua Brasileira de Sinais que integram os Parâmetros Curriculares Nacionais. A UERJ iniciou esse processo de inclusão em 2009, quando a disciplina



de Libras começou a ser oferecida aos alunos de Pedagogia pela Faculdade de Educação: “Tanto a Faculdade de Educação quanto os graduandos em Pedagogia têm consciência da importância de conhecer a Língua Brasileira de Sinais, pois os alunos surdos estão nas salas de aulas de nossas escolas e precisam receber atenção e apoio qualificados para uma escolarização exitosa”, diz a chefe do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada, professora Eneida Simões.

O Departamento de Linguística deu início em 2011 ao processo de informação à Universidade sobre a obrigatoriedade do cumprimento da Lei e sobre a necessidade de oferta da matéria. “Libras é uma língua que precisa de tempo e de prática para que se aprenda. O ideal é que no

futuro tenhamos uma graduação em Libras na UERJ – mas para isso será necessário investir na contratação de intérpretes e de professores. Ou seja: será preciso adaptar a graduação à estrutura da Universidade”, explica o professor Ricardo Joseh.

Em 2013, o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão aprovou a criação das disciplinas de Libras I (obrigatória para todos os cursos de licenciatura e eletiva universal para os demais cursos) e Libras II (eletiva universal para todos os cursos), ambas com dois créditos e 30 horas cada. A abertura, programação e inscrição nas disciplinas são gerenciadas pelo Departamento de Linguística da Universidade, mas a sua implantação cabe aos próprios cursos.

Na Geografia serão abertas duas turmas para o primeiro semestre de 2014. A primeira disciplina (Libras I) tem programa direcionado ao aprendizado de noções básicas da Língua Brasileira de Sinais, com base em situações comunicacionais que envolvam a formação de palavras, a construção de sentenças e a produção de diálogos. Na disciplina Libras II, o conhecimento envolve tipos de verbo, concordância número-pessoal, marcadores de concordância e narrações. “No futuro essas matérias serão oferecidas para toda a Universidade, em todos os campi. A UERJ está iniciando este processo com a Geografia, mas a tendência para os próximos anos é que os demais cursos de licenciatura apresentem as suas demandas pela inserção de Libras em suas grades”, diz o professor Ricardo Joseh.

# Universidade se destaca na avaliação trienal da Capes

Na avaliação trienal 2013 da Capes (correspondentes aos anos de 2010, 2011, 2012), a UERJ se destacou como a terceira instituição em número de programas de pós-graduação *stricto sensu* do país e em número de programas com conceitos de excelência (6 e 7) no estado. Considerando o período de três anos e as 48 áreas avaliadas, o processo de análise da Capes incluiu 3.337 programas de pós-graduação *stricto sensu* em todas as regiões do Brasil. Desse total, 393 (11,8%) pertencem a universidades localizadas no estado do Rio. Dentre os 51 programas da UERJ, 15 tiveram seus conceitos elevados e quatro diminuídos; dois programas subiram para conceito 7; dois subiram para conceito 6; oito para conceito 5 e três para conceito 4, enquanto três cursos tiveram seus conceitos diminuídos para conceito 4 e um para conceito 3.

Os programas da UERJ que receberam nota 7 foram: Educação (PropEd), que manteve a nota obtida na avaliação anterior; Saúde Coletiva (PPGSC-IMS) e Fisiopatologia Clínica e Experimental (FISCLINEX). Biociências (PPGB) e Ciência Política mantiveram a nota 6 e Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), assim como Serviço Social (PPGSS), atingiram o conceito 6 no triênio avaliado. Dos 15 cursos que obtiveram nota 5, sete repetiram o desempenho – Ciências Sociais, Ecologia e Evolução, Filosofia, Fisiopatologia e Ciências Cirúrgicas, Modelagem Computacional, Odontologia e Sociologia –, e oito superaram a nota anterior – Artes, Comunicação, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Física, Geografia, História e Psicologia Social.

Conforme entrevista publicada na edição nº 127 do *Informe UERJ*, a Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Mônica Heilbron, atribui o bom desempenho da Universidade na avaliação trienal da Capes a três frentes de trabalho. Em primeiro lugar, à atuação das coordenações dos programas de pós-graduação e de seus respectivos secretariados, responsáveis pelo preenchimento do DataCapes, e também às ações das coordenações e seus respectivos colegiados, responsáveis pelo controle do credenciamento de professores produtivos. Em segundo lugar, a Sub-reitora explica o bom desempenho na avaliação aos programas desenvolvidos pela SR-2, entre os quais o Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (Prociência), por estar fixando o docente produtivo na Universidade; os programas de Capacitação Docente (Procad) e de Professor Visitante, por serem decisivos na inserção da UERJ no cenário internacional – fundamentais para a conquista dos conceitos 6 e 7; e os programas de apoio aos laboratórios de grande porte, como o de bolsistas para as Unidades de Desenvolvimento Tecnológico (Qualitec) do Departamento de Inovação (InovUerj), por serem diferenciais do padrão de excelência conferido pela Capes, sobretudo com relação às ciências aplicadas. Por último, a Sub-reitora confere o sucesso na avaliação à disponibilização de recursos pelas agências de fomento, associada à dedicação dos professores da UERJ que, pela relevância e pertinência de seus projetos, conseguem captar tais recursos para a Universidade.

## PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UERJ COM CONCEITOS DE EXCELÊNCIA

Programa	Início Mestrado	Início Doutorado	Avaliação Trienal 2007	Avaliação Trienal 2010	Avaliação Trienal 2013
Educação	1979	2000	6	7	7
Fisiopatologia					
Clínica e Experimental	1997	1999	6	6	7
Saúde Coletiva	1974 em Medicina Social 1987 em Saúde Coletiva	1991	5	6	7
Biociências	1975	1994	6	6	6
Ciência Política	1969 (Iuperj)* 2011 (Iesp)	1980 (Iuperj)** 2011 (Iesp)	6	7	6***
Políticas Públicas e Formação Humana	2004	2004	4	5	6
Serviço Social	1998	2005	4	5	6

\* O programa foi criado em 1969 no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), da Universidade Cândido Mendes, e transferido para a UERJ em 2011.

\*\* O doutorado foi criado em 1980 no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), da Universidade Cândido Mendes, e transferido para a UERJ em 2011.

\*\*\* O programa obteve sucessivamente as notas 6 e 7, antes de ser transferido para a UERJ em 2011. Com a transferência, o programa recebeu a nota 5, como provisória, até a divulgação do resultado da avaliação atual, que a elevou para 6.

### Programas nota 7

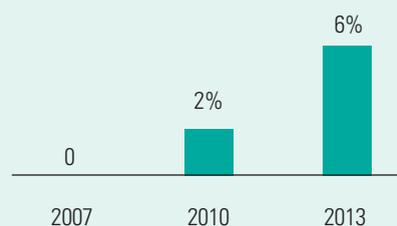
À frente da coordenação da Pós-graduação em Saúde Coletiva desde novembro de 2013, depois de ter sido coordenadora adjunta na gestão anterior, a professora Cláudia Leite de Moraes explica que o êxito do Programa se deve à abrangência do conteúdo, porque abarca as três áreas de concentração da Saúde Coletiva (Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; e Política, Planejamento e Administração em Saúde); à visibilidade alcançada pelos profissionais formados

pelo IMS, uma vez que muitos ex-alunos passaram a ocupar postos importantes nos quadros das políticas governamentais ou de instituições relevantes na área da saúde pública; ao aperfeiçoamento progressivo no preenchimento do Data Capes; à produção qualificada do Programa, tanto docente quanto discente; à “nucleação”, ou seja, às parcerias que o IMS faz há vários anos com diversos institutos dentro do campo da Saúde Coletiva, por meio dos convênios do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica da Capes (Procad); e aos grandes financiamentos que o Programa tem conseguido em editais estaduais, nacionais e internacionais de agências de fomento. Essa importância não se limita, segundo a coordenadora, ao capital investido, mas se estende ao prestígio e à credibilidade alcançados por aqueles que conseguem receber esse tipo de investimento.

A professora também destaca a trajetória do Instituto de Medicina Social como decisiva para a obtenção da nota máxima: “A história do IMS é muito bonita dentro da área de saúde coletiva – uma história ressaltada inclusive por professores de outros programas com conceito de excelência, que reconheceram a importância do Instituto no âmbito da saúde pública no Brasil. Em 40 anos de existência, comemorados em 2014, o IMS formou 628 mestres e 407 doutores. Desde a sua criação, é um dos programas que mais formou pessoas no âmbito da saúde coletiva”. Fazem parte do quadro docente do Programa cerca de 40 professores. Dos 31 permanentes, 29 têm bolsa de produtividade do CNPq, 14 são prociencistas e sete têm projetos apoiados por programas da FAPERJ – seis pelo Cientista do Nosso Estado (CNE) e um pelo Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE).

Para o coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação, professor José Gonçalves Gondra, a nota máxima obtida consecutivamente pelo PropEd nas avaliações dos triênios 2007-2009 e 2010-2012 se deve, “no que diz respeito ao ensino, ao zelo pela

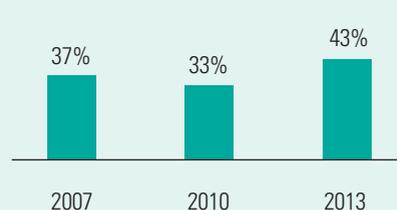
### EVOLUÇÃO DA PORCENTAGEM DE CURSOS "7"



### EVOLUÇÃO DOS CURSOS "6" + "7"



### EVOLUÇÃO DA PORCENTAGEM DE CURSOS "5" + "6" + "7"



Fonte: Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – SR-2, jan. 2014.

regularidade no oferecimento de disciplinas obrigatórias e eletivas para o mestrado e para o doutorado e, no que diz respeito à pesquisa, ao cuidado pelo cumprimento dos prazos estabelecidos pelas agências de fomento e pela divulgação da produção”. O professor também registra o esforço para a criação e a consolidação de redes internacionais, por meio de convênios de mobilidade e de editais que apoiam esses convênios, de modo que professores estrangeiros atuem no Programa, professores do curso desenvolvam atividades em universidades no exterior, inclusive com pós-doutoramento, e alunos de doutorado façam estágios fora do país. José Gondra acredita que “fazer ciência exige mais que produção, exige divulgação e, de preferência, divulgação qualificada e não concentrada, ou seja: distribuída o mais uniformemente possível, tanto pelo corpo docente como pelo corpo discente.” Para alcançar essa meta o Programa foi reformulado, ancorado nos grupos de pesquisa e estabelecendo três semestres obrigatórios para os mestrandos e quatro para os doutorandos, períodos que exigem orientação, execução e divulgação de trabalhos, de modo que a produção não fique restrita a poucos pesquisadores. O Programa de Pós-graduação em Educação tem 30 professores permanentes, dois colaboradores e dois visitantes. Entre aqueles que recebem bolsa de estímulo à pesquisa, dez recebem bolsa do CNPq, 27 são procientistas e boa parte recebe apoio dos programas CNE e JCNE da FAPERJ.

Desde julho de 2013 coordenadora do Programa de Pós-graduação em Fisiopatologia Clínica e Experimental, a professora Eliete Bouskela atribui o desempenho do Programa a dois fatores: o elevado padrão de exigência em relação ao credenciamento de professores e a clara delimitação das linhas de pesquisa. “Respeitamos rigorosamente os critérios estabelecidos pela Capes. Se o foco do Programa é fisiopatologia, só trabalham nele profissionais produtivos que efetivamente estudam fisiopatologia – ou seja, que estudam as origens e os mecanismos das doenças – e dentro de linhas de pesquisa muito bem definidas”, explica a professora. O coordenador adjunto da Pós-graduação, professor Egberto Moura, esclarece um aparente paradoxo: “Apesar de muito específico quanto ao objeto de estudo (por ser voltado para a solução de doenças crônicas que exigem a integração de diversas especialidades, como obesidade, diabetes e hipertensão), o Programa é multidisciplinar”. Além da multidisciplinaridade, o professor cita outros dois pontos fortes do FISCLINEX: a intensificação da internacionalização e a ampliação de formas de colaboração com outros programas e com a sociedade. Bons exemplos são o aumento de alunos participantes do Programa Ciência sem Fronteiras, o doutorado interinstitucional desenvolvido com a Universidade Federal do Maranhão e projetos de professores do Programa voltados para a melhoria do ensino público. Integram o FISCLINEX 33 professores: 28 no quadro permanente (dos quais 22 com bolsa do CNPq de produtividade em pesquisa e 19 com projetos apoiados pela FAPERJ) e cinco professores colaboradores, dos quais um é bolsista do CNPq, que desenvolve projeto que também recebe apoio da FAPERJ.

## Projeto Análise da Escolha Profissional apresenta uma nova forma de encarar a orientação vocacional

Estudo realizado pelo Portal Educacional com 1.406 estudantes do Ensino Fundamental e Médio de 18 estados brasileiros mostra que a escolha profissional é uma das principais preocupações entre os jovens. A partir dessa constatação o projeto Análise da Escolha Profissional (AEP) da UERJ foi desenvolvido com o propósito de oferecer acompanhamento psicológico para jovens por meio de uma nova abordagem de escolha de sua profissão.

A idéia do projeto surgiu em 2009 como um estágio especializado destinado à comunidade do entorno da Universidade e por conta da repercussão se expandiu e se tornou um projeto de extensão e de pesquisa do CNPq. Segundo a psicóloga Tatiana Rodrigues, integrante do projeto, “pensamos a escolha profissional como uma margem de manobras em um horizonte histórico de possibilidades, em que nos encontramos, e a partir da tematização sobre esse horizonte. Em nosso processo não trabalhamos com os tradicionais testes vocacionais. Buscamos propiciar um meditar sobre as sedimentações presentes em nossa sociedade e mobilizar cada analisando a assumir o seu existir. Deste modo, caberá a cada um a sua decisão”.

Para as psicólogas do AEP o modelo predominante na psicologia, no que se refere à indecisão sobre a escolha da profissão, é a Orientação Vocacional e Profissional que se fundamenta na filosofia moderna e em suas referências: sujeito substancializado, na vocação ou aptidão e dicotomia pessoa-mundo. Para escapar desses significados o projeto substituiu a terminologia tradicional por Análise da Escolha Profissional. Para as profissionais que atuam no projeto, “os termos análise e escolha substituem orientação e vocação. Análise deve ser entendida no sentido de construir e desconstruir conceitos e escolha como a possibilidade que se abre dentro do horizonte histórico em que vivemos”. Assim, a ideia da Análise da Escolha Profissional entendida por estes pressupostos pretende dar mais liberdade para o estudante que se encontra indeciso e o ajudar a escolher o que, afinal, faz sentido em sua vida.

O projeto oferece um espaço de discussão sobre as indecisões relativas a interesses pessoais, familiares, midiáticos e econômicos frente à escolha profissional. Deste modo, a proposta do AEP consiste em mobilizar uma discussão crítica frente ao cenário atual e trocar informações profissionais a fim de que o estudante possa assumir os sentidos que hoje movem o seu existir e, conseqüentemente, a sua escolha.

A equipe é composta por seis psicólogas formadas na UERJ que atende em média 16 estudantes por ano.

São previstos 16 encontros com duração de até 2 horas, sendo o primeiro uma entrevista individual.



Cada grupo possui no mínimo seis estudantes e no máximo dez, totalizando 31 horas distribuídas entre a primeira entrevista e os 15 encontros semanais. O processo é dividido em quatro momentos:

1. Primeiro contato: estabelecendo “vínculo” com o processo;
2. “Pensando” sobre o cenário atual e informações profissionais;
3. “Pensando” sobre os referências que norteiam as suas escolhas;
4. Conclusão - realizada por cada estudante a partir da construção e desconstrução de suas dúvidas.

Ao longo do processo cada estudante, caso deseje, ficará responsável pelo registro do que considerar significativo durante sua permanência no grupo. Para isto são entregues blocos de notas a cada um na primeira entrevista. O trabalho em grupo possibilita uma significativa troca de experiências.

Para Lucas da Costa, estudante do 3º ano do Colégio Estadual Alda Bernardo dos Santos Tavares, no Centro do Rio, iniciativas assim são importantes para que os jovens possam descobrir o que os realiza profissionalmente e “para que não façam só porque dá dinheiro”. Nas escolas as psicólogas do AEP se juntam à direção e aos coordenadores pedagógicos para pensar na melhor forma de viabilizar o trabalho de escolha profissional, acolhendo as demandas específicas de cada estudante relacionadas à profissão e carreira. O AEP acredita que a escola pode desempenhar um papel importante no processo de escolha profissional de seus alunos. Ela torna-se um local essencial nesse processo, pois é o espaço propício para os estudantes se questionarem sobre o futuro e os sentidos que envolvem suas escolhas.

As inscrições para participar do projeto abrem no início de cada período letivo e devem ser feitas no Serviço de Psicologia Aplicada, no 10º andar do *campus* Maracanã ou pelo telefone 2587-7101. Mais informações na página <[www.facebook.com/pages/Análise-da-Escolha-Profissional/311468508961341](http://www.facebook.com/pages/Análise-da-Escolha-Profissional/311468508961341)> ou no *site* <<http://aep psicologia.wix.com/analiseprofissional>>.

## Prêmio Anísio Teixeira mostra reconhecimento dos alunos a professores especiais

“Educar é crescer – e crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra”. Essa é uma das definições de educação do educador baiano Anísio Spínola Teixeira que tem servido como inspiração para gerações de docentes. E foi também inspirado pelos escritos e trajetória desse intelectual brasileiro que o seu nome foi escolhido pela Sub-reitoria de Graduação para dar nome ao prêmio que homenageia o desempenho dos professores da UERJ.

Em dezembro de 2013, a primeira cerimônia de entrega do Prêmio Anísio Teixeira foi entregue a professores (um professor de cada centro setorial da Universidade) selecionados por meio de indicação aberta dos alunos de graduação. Durante cinco semanas os estudantes puderam indicar via portal institucional ([www.alunoonline.uerj.br](http://www.alunoonline.uerj.br)) os educadores que se destacaram, sendo premiados os mais citados de cada centro: “A votação foi totalmente aberta. Não mencionamos o nome de ninguém, isso ficou por conta do aluno”, explica Celly Saba, coordenadora da Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação da SR-1.

Os quatro professores eleitos na primeira edição do Prêmio foram Mario Castro Alvarez Perez (Faculdade de Ciências Médicas), Luciano Rodrigues Ornelas de Lima (Faculdade de Engenharia),



Antonio Borromeu Fernandez (Faculdade de Direito) e Luciana Velloso da Silva Seixas (Faculdade de Educação). Segundo a Sub-reitora de Graduação, professora Lená Medeiros, a premiação foi uma forma especial de prestigiar o desempenho docente: “Este é um reconhecimento dos alunos ao trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula”.

A premiação também reflete a atuação do educador que ultrapassa os limites da sala de aula – caso da professora Luciana Velloso, representante do Centro de Educação e Humanidades em 2013. “Além de ter uma didática muito boa, ela também se preocupa com os alunos fora de sala de aula, o que a transforma numa professora e amiga”, diz Ana Clara Santiago, estudante do 2º período. A professora Luciana confessa ter demorado a entender o significado do prêmio e diz que o seu estilo de trabalho se deve ao fato de já ter vivido

simultaneamente a situação de aluna e tutora. “Esta experiência permitiu que eu começasse a aplicar a seguinte lógica (que pretendo nunca esquecer): se eu estivesse no lugar deles, como me sentiria com isto?”, declarou a professora, que tem graduação em Pedagogia e História e pós-graduação em Educação pela UERJ.

Ao defender uma relação participativa em sala de aula, o professor eleito pelo Centro de Ciências Sociais, Antônio Borromeu, do Departamento de Direito Civil, segue a mesma lógica em relação aos seus alunos: “O debate e a argumentação conduzem ao crescimento recíproco e atuam como fator de desenvolvimento intelectual”, defendeu.

E foi também dessa relação harmoniosa entre professores e estudantes que resultou a campanha virtual para a concessão do Prêmio Anísio Teixeira ao professor Luciano Lima, da Engenharia Civil, representante do Centro de Tecnologia

e Ciências. Segundo Vitor Melo, aluno 7º período de Engenharia Civil, ele e vários colegas de curso se uniram para incentivar a indicação do tutor no Facebook. O resultado da campanha foi o prêmio recebido por Luciano Lima na véspera de completar 10 anos como professor efetivo da UERJ. Para o professor e médico Mario Castro, premiado pelo Centro Biomédico, o seu gosto por ensinar foi moldado desde os oito anos de idade, o que faz com que o seu exercício profissional esteja diretamente associado ao seu caminho na vida: “Minha trajetória docente é a história de como uma vida pode se modificar a partir do momento em que assume a sua real vocação”.

A cerimônia de entrega do Prêmio Anísio Teixeira foi realizada no dia 4 de dezembro e na plateia estavam alunos e colegas de profissão que dedicaram a todos os homenageados muitos aplausos. Conduzido pela Sub-reitora de Graduação Lená Medeiros, o evento teve a presença dos diretores dos centros setoriais – professores Mário Sérgio Alves Carneiro (CBIO), Léo da Rocha Ferreira (CCS), Glauber Almeida de Lemos (CEH) e Maria Georgina Muniz Washington (CTC). Além de certificado e placa pela premiação, os professores receberam um vale de R\$ 350,00 para a compra de livros na Livraria Saraiva.

## Curso de monitores socioambientais amplia consciência de defesa civil no estado

O Curso de Formação de Monitores Socioambientais, uma iniciativa da Superintendência de Educação Ambiental, da Secretaria de Estado do Ambiente (Seam/SEA) em parceria com a UERJ, formou em 2013 a primeira turma de monitores socioambientais dos municípios de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. O curso faz parte do Programa de Educação Ambiental para Prevenção e Enfrentamento de Acidentes e Desastres Naturais, chamado de *Mãos à Obra*, e pretende contribuir para o desenvolvimento de uma cultura comunitária de defesa civil. O projeto surgiu entre as ações de emergência implementadas nos três municípios serranos após as enchentes de janeiro de 2011, considerada a maior tragédia climática da história do país.

Com a coordenação acadêmica da professora da Faculdade de Formação de Professores, Ana Maria de Almeida Santiago, e coordenação pedagógica da professora Helena Marques Araújo, do Instituto de Aplicação da UERJ, os tutores selecionados estão vinculados à UERJ ou são moradores dos locais atingidos. O projeto formou 60 monitores ambientais, 20 em cada



Membros do Curso de Monitores Socioambientais em Petrópolis



Caminhada pela Vida em Teresópolis

município, e foi concluído após 18 meses. “A geração de uma cultura de defesa civil comunitária faz com que a comunidade não fique dependente da atuação do poder público e que tenha um conjunto de ações para que todos sejam protegidos em casos de desastres naturais”, explica a professora Ana Maria. As aulas se distribuíram entre teóricas e práticas no período compreendido entre o segundo semestre de 2012 e o final de 2013. Além de noções geomorfológicas e de defesa civil, o curso também trabalhou formas de organização coletiva para identificação das áreas de risco, das áreas seguras, e o estabelecimento de rotas de fuga. O plano de ação dos alunos foi referendado pela Defesa Civil.

Com boa parte das comunidades atingidas está na área rural ou de baixa renda, muitos monitores haviam perdido parentes na tragédia. Lidar de maneira prática e sensível foi um dos maiores desafios enfrentados pelos tutores, dizem as professoras. Outro desafio foi fazer os moradores entenderem que ainda existem riscos na região, apesar da baixa ocorrência, desconstruindo a crença de que a tragédia foi algo isolado e raro.

## Pesquisa de mestrado cria aplicativo que dá acesso a rádios comunitárias

Um aplicativo intitulado RadCom, cuja proposta é facilitar a sintonia de emissoras de rádio comunitárias localizadas em qualquer bairro, cidade, estado e até mesmo em outros países foi desenvolvido em 2013 no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, na área de concentração Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, linha de pesquisa “Educação, Comunicação e Cultura”. O trabalho integra o projeto do mestrando Arthur William, orientado pela professora Alita Sá Rego, e permite que assuntos como cultura local e reivindicações da comunidade cheguem a qualquer lugar e sejam valorizados. O aplicativo faz parte do projeto Rebaixada e tem versões para Android, IOS (iPhone e iPad) e *web*.

A pesquisa aborda as novas formas de comunicação utilizadas pelo ativismo político principalmente a partir dos protestos de junho de 2013. Segundo Arthur, se antes o ativismo utilizava panfletos, carros de som e blogs, hoje a tecnologia facilita o uso de formas de comunicação alternativas, que podem se materializar via aplicativos para celular que permitem a produção de vídeos, games e transmissão ao vivo de eventos, por exemplo.

A rádio Kaxinawá, sediada na FEBF/UERJ, também serviu de inspiração: “É uma emissora comunitária de baixa potência – quem está no Rio de Janeiro não consegue ouvi-la a não ser pela internet. Como cada vez mais as pessoas estão acessando a internet pelo celular quando estão a caminho do trabalho, por exemplo, criar um aplicativo para ouvir a rádio Kaxinawá e outras rádios comunitárias é muito importante”, diz William. Para pesquisar essas novas formas de comunicação foi criado na Faculdade de Educação da



Baixada Fluminense um laboratório onde são organizadas oficinas para alunos da FEBF e pessoas da comunidade. O aplicativo RadCom, foi desenvolvido em uma dessas oficinas e reúne atualmente cerca de 100 rádios do Brasil e do exterior. O RadCom permite escolher emissoras por país, cidade ou por meio de busca específica e também oferece a opção de navegação em um mapa interativo. O aplicativo reúne emissoras vinculadas a redes de rádios livres e comunitárias, como a Associação Mundial de Rádios Comunitárias – AMARC Brasil (<<http://amarcbrasil.org/>>) e o Projeto Dissonante, que ajuda emissoras comunitárias a transmitir via *web* (<<http://www.dissonante.org/site/index.php>>).

Desde o início de dezembro de 2013, quando o aplicativo ficou pronto e passou a ser usado pelos primeiros usuários, o RadCom tornou-se um viral (compartilhado sem divulgação prévia). Atualmente mais de 400 pessoas já baixaram o aplicativo para seus smartphones e estima-se que um número maior de pessoas esteja utilizando-o no sistema IOS. Cerca de 70 países também utilizam o aplicativo, entre

eles a Costa do Marfim, a Índia, a França, a África do Sul, o Haiti e alguns do Oriente Médio. Para Arthur William, o ineditismo é que fez com que o aplicativo se propagasse em pouco tempo. Ele entende que “a universidade tem a função de abrigar projetos de inovação. As pesquisas acadêmicas precisam deixar um legado para a sociedade”.

Para utilizar o RadCom os interessados devem preencher um formulário de cadastro. Em seguida é feita uma filtragem, com a checagem dos dados para comprovar se a emissora é realmente comunitária. Nesse processo, a equipe do projeto faz a audição das rádios e entra em contato com outras emissoras da mesma região para terem referências. No caso de emissoras em outros idiomas, como francês e inglês, o trabalho da equipe é mais fácil, diferente de quando o áudio das rádios comunitárias está em linguagem local ou em dialetos próprios. Com a verificação confirmada, a emissora comunitária é incluída no aplicativo.

Até o final de 2014, com a finalização do trabalho, será feito um mapeamento com histórico das inserções e os tipos de comunicação utilizados pelas pessoas: “É importante para a Universidade abrigar projetos de inovação – e é muito interessante que uma instituição na periferia do Rio de Janeiro tenha essa dimensão. Conseguimos inovar ao pesquisar pelo fato de existir um *campus* em Duque de Caxias. E o aplicativo mostra que com pouco recurso, mas com criatividade e referências do Brasil e do exterior conseguimos criar um produto como esse”, argumenta Arthur. O RadCom utiliza a plataforma gratuita bastante usada na criação de blogs e *sites*. O aplicativo pode ser baixado no Google Play, na App Store e no *site* <<http://rebaixada.org/radcom>>.

## Esportes de inverno fazem parte de projeto do Instituto de Física

A atleta alemã Natalie Geisenberger conquistou a medalha de ouro na corrida individual do Luge - considerado um dos mais antigos esportes de inverno que, junto com o bobsleigh e o skeleton, representam uma das distintas modalidades de descida em trenó - nas Olimpíadas de Inverno de Sochi, na Rússia. Seu melhor tempo registrado foi de 49,765, ou seja, 49 segundos e setecentos e sessenta e cinco milésimos de segundos. Nos jogos olímpicos de inverno, milésimos de segundos são decisivos na luta por uma medalha e podem ser melhor entendidos com a ajuda da Física.

No Luge, a velocidade da atleta pode chegar a 135 km/h. O atrito sofrido é pequeno por conta do deslizamento ocorrido no gelo. Já a força de arrasto (proveniente da resistência do ar) é minimizada pelo posicionamento dos pés em ponta durante a descida. A diferença de tempo de Natalie para a atleta Tatjana Huefnero, que conquistou a medalha de prata, foi de 283 milésimos de segundo, o que mostra que os pequenos detalhes fazem com que o atleta vença ou não a prova.

A junção dos temas tem sido pesquisada na UERJ no projeto Física dos Esportes, que teve início em 2008 coordenado pela professora Rosana Bulos Santiago, do Instituto de Física. Os esportes de inverno estão entre os



estudados pelo projeto, assim como aqueles que envolvam qualquer tipo de movimento (futebol, basquete, skate etc.). O estudo nasce com a proposta do ensino da física aos jovens (público que normalmente possui um preconceito em relação à disciplina) por meio dos esportes. “Buscamos achar uma motivação para os alunos, perceber sua vida, entender sua cultura e o universo que possuem para facilitar o processo de aprendizagem”, afirma.

O projeto tem o lema de que não se ensina física somente na teoria, mas também a partir de experiências concretas dos estudantes. “Muitos colégios têm o entendimento de que o importante é ensinar para o vestibular,

acreditando que um laboratório de ensino, por exemplo, seria supérfluo”. Na opinião da pesquisadora, isso dificulta a aprendizagem dos alunos.

Para enfrentar essa dificuldade, o projeto Física dos Esportes trabalha no desenvolvimento de metodologias que usem os espaços das práticas esportivas como laboratórios de medição, de coleta de dados e de aferição de resultados. “Acredito que a física dos esportes pode suprir a carência experimental que muitos colégios possuem, mas é necessário estudar, fazer pesquisa em ensino, ter criatividade e experimentar uma série de possibilidades”, explica.

O projeto propõe ainda a formação de professores que tenham um olhar diferenciado e entendam a realidade na qual os alunos estão inseridos: “O ideal é buscar sempre a relação entre a prática e a teoria. Se for através do esporte, ótimo.”

A professora Rosana Santiago defende a necessidade de se promover no Brasil mais pesquisas na área, que é multidisciplinar, mas pouco difundida: “Nosso jovem pode apreciar muito mais os esportes e os professores são fundamentais nesse processo de debate, discussão e incentivo ao estudo da Física”. Outras informações no blog: <[fisicadosesportes.blogspot.com](http://fisicadosesportes.blogspot.com)>.

## Pesquisa premiada da Unidade de Pesquisa Urogenital revela o efeito do anabolizante na estrutura peniana

Premiado como Melhor Trabalho de Pesquisas Básicas no 34º Congresso Brasileiro de Urologia, um estudo desenvolvido na Unidade de Pesquisa Urogenital do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG) revela uma alteração na estrutura peniana ocasionada pelo uso indevido de anabolizantes. A pesquisa, que surgiu de uma parceria com o Instituto de Educação Física da UFRJ, mostra outros efeitos causados pelo uso de esteroides e reafirma a preocupação sobre os riscos de sua utilização indiscriminada.

Embora sejam conhecidos os efeitos dos anabolizantes sobre diversos órgãos do corpo humano, como o fígado, coração, próstata e testículos, a pesquisa intitulada *Estudo morfométrico do pênis de ratos púberes e adultos após administração crônica de esteroide anabolizante androgênico* analisa as possíveis sequelas na estrutura peniana causadas pelo medicamento. Os pesquisadores Diogo Benchimol, pós-doutorando do programa em Fisiopatologia e Ciências Cirúrgicas da Faculdade de Ciências Médicas, e Alessandro Sena, mestrando do mesmo programa, explicam que a utilização de esteroide anabolizante androgênico



é permitida como tratamento medicinal em casos como a diminuição da produção de testosterona. No entanto, é comum atletas em busca de melhor desempenho e pessoas que almejam o corpo perfeito consumir de dez a 100 vezes mais EAA que a quantidade recomendada a pacientes.

Para verificar o efeito no órgão sexual masculino, ratos de duas faixas etárias – pré-púberes, que equivale à adolescência, e adultos – ingeriram anabolizantes por um período de oito semanas. Respeitando

as devidas proporções, os ratos estudados consumiram doses 20 vezes maiores que o nível recomendado para tratamentos. Como resultado, os pesquisadores detectaram uma significativa modificação da estrutura interna do pênis. “O que ocorre é uma alteração morfológica peniana, uma mudança da forma pelo uso contínuo de anabolizante”, esclarece Alessandro Sena.

Por se tratar de uma observação até então pouco conhecida entre as publicações científicas, o trabalho abre espaço

para se pesquisar a correlação dessa mudança morfológica com casos de disfunção erétil. “Popularmente já se fala muito sobre os possíveis efeitos do uso de anabolizantes na função sexual. Mas ainda não havia nenhum dado científico sobre o tema”, afirma Diogo Benchimol. O pesquisador explica que para a ereção acontecer de forma adequada, além dos estímulos sensoriais, o pênis precisa de uma morfologia adequada. “O pênis que não apresenta uma estrutura normal, muito possivelmente não consegue atingir e manter uma ereção adequada”, esclarece Diogo, acrescentando que essa questão ainda é apenas uma inferência. O trabalho ressalta ainda a importância da valorização do acompanhamento médico e o desestímulo ao uso indiscriminado de EAA – normalmente consumida na forma injetável por ser a mais barata.

A pesquisa é coordenada pelo coordenador da Unidade de Pesquisa Urogenital, professor Francisco José Sampaio, com apoio da Capes, da FAPERJ e do CNPq. Os estudos estão sendo desenvolvidos há dois anos e devem ser concluídos em meados de 2014.

## Clínica de Direitos Fundamentais oferece experiência prática a alunos da UERJ

Criada em dezembro de 2013 por alunos e professores da Faculdade de Direito da UERJ, a Clínica de Direitos Fundamentais integra o projeto do professor Daniel Sarmento, da área de Direito Constitucional, e tem como objetivo pesquisar e engajar a Faculdade em questões e debates relacionados aos direitos fundamentais. A missão da Clínica é fornecer – a partir do diálogo entre a comunidade acadêmica e a sociedade – os instrumentos teóricos e práticos essenciais para a promoção e a defesa dos direitos fundamentais no Brasil.

Três professores estão envolvidos no projeto hoje: Daniel Sarmento, que esteve à frente da criação da Clínica; Ricardo Lodi, da área do Direito Financeiro e coordenador do Programa de Pós-graduação em Direito; e Rodrigo Brandão, do campo do Direito Constitucional. A Clínica mantém um conselho consultivo permanente composto por seis integrantes – além dos professores citados, as mestrandas Aline Osório, Cecília Vieira de Melo e Juliana

Cesário Alvim. Esse conselho é responsável, entre outras atividades, por selecionar novos projetos para acompanhamento da Clínica. Segundo Juliana, “A cada novo projeto outros alunos e professores de diferentes departamentos poderão se integrar e contribuir, por isso o número de envolvidos varia de projeto para projeto”.

A primeira atividade da Clínica UERJ Direitos foi a participação no Supremo Tribunal Federal do julgamento da ADI 4650, uma ação direta de inconstitucionalidade proposta pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, que questiona o modelo atual de financiamento privado de campanhas eleitorais. O grupo da UERJ atuou como *amicus curiae* em parceria com o Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS). O termo em latim *amicus curiae* significa *amigo da corte*. Segundo Juliana Cesário Alvim, trata-se de “um terceiro que não é parte do processo, mas a quem é facultado influenciar na avaliação do tribunal, oferecendo argumentos

e subsídios. Ele está autorizado a oferecer memoriais e realizar sustentação oral, mas não pode, por exemplo, recorrer. A finalidade da existência dessa figura é aumentar a participação social e assegurar o melhor nível de informação ao tribunal”. Em casos como esse, um grupo de professores e alunos da pós-graduação e da graduação foi responsável por elaborar um memorial com argumentos favoráveis à tese da inconstitucionalidade do atual modelo. Uma delegação da Clínica esteve em Brasília para fazer a argumentação oral – e a mestranda Aline Osório produziu uma elogiada sustentação no julgamento, reconhecida em três dos quatro votos já proferidos – dos ministros Luiz Fux, Dias Toffoli e Roberto Barroso.

A Clínica UERJ Direitos tem previsão de atuar em pelo menos mais dois casos neste primeiro semestre de 2014. Para tanto estão sendo analisadas as possibilidades e a relevância dos temas para a sociedade. Ainda de acordo com Juliana, a criação da Clínica “poderá exercer influência

fundamental e decisiva na ampliação da proteção aos direitos fundamentais no Brasil – como foi revelado pela atuação no julgamento da ação direta de inconstitucionalidade”. Ao mesmo tempo, a Clínica constitui um ambiente que permite aos alunos da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Direito da UERJ assimilar a teoria combinada com a atividade de pesquisa e com a experiência prática em atividades jurídicas que dizem respeito à proteção de direitos fundamentais.

O desenvolvimento da Clínica UERJ Direitos também poderá contribuir para a firmação do curso de Direito da Universidade como espaço de atuação institucional voltado para a defesa dos direitos fundamentais, estando desta forma inserido no compromisso histórico da UERJ com a sua defesa e promoção, bem como com a construção de um ambiente acadêmico plural e democrático, que tenha na sua experiência com as ações afirmativas um exemplo emblemático.